

# PANDA BEAR

Música x

# BUOYS

24 ABR 2019

QUA 21:00

Grande Auditório

M/6

*Buoys* trouxe Panda Bear de novo aos discos em 2019, quatro anos depois de *Panda Bear meets the Grim Reaper*. Uma distância pouco considerável se tivermos em conta que existem os Animal Collective para tratar – o que não é empreitada fácil. Se durante algum tempo, a carreira a solo parecia complementar ou ocupar os espaços vazios que o quarteto deixava, o ritmo discográfico – e consequente vida nos palcos – vai-nos dando uma realidade diferente, como se Panda Bear e Animal Collective competissem pelo mesmo pódio, ou fossem duas faces da mesma moeda. Naturalmente que não existe rivalidade. Mas ouvindo *Buoys*, o sexto álbum de originais, não é descabido perguntar se haverá mais e melhores surpresas de Noah Lennox do que na sua colaboração com os seus amigos. No último parágrafo deste texto, explicamos o que aí vem e quando é que podemos voltar a especular uma escala de valor entre as duas discografias. Mas para adensar especulações, convém sublinhar que *Buoys* foi feito durante uma pausa de Panda Bear dos seus Animal Collective – a primeira da sua discografia e nas suas digressões –, de onde nasceu *Tangerine Reef*, com Avey Tare, Deakin e Geologist. E como as especulações servem quase sempre para ser desmontadas, é o próprio Noah que explica a razão desta pausa relativamente forçada à Rolling Stone:

“Alguns amigos nossos de Miami pediram aos Animal Collective para fazerem a banda sonora de um filme que iam exhibir num museu. Eu tinha viajado muito e não consegui fazer parte disso. Eles estavam super entusiasmados com a música que fizeram, tinham o comboio em marcha e eu simplesmente não estava nele. Contudo, sinto-me encorajado com a nossa atividade dos últimos anos. Parece-me mais semelhante ao modo como começámos: pessoas que se juntam e fazem imensas coisas ao mesmo tempo. Durante um período, juntámo-nos para gravar um disco e andar em digressão – um modo muito tradicional de fazer as coisas. Fico entusiasmado pela maneira natural como nos fraturamos e separamos.”

Este espaço aberto levou-o a escrever *Buoys*, na ressaca da preparação dos concertos que fez com Avey Tare como celebração do aniversário de *Sung Tongs* – concertos que começaram com um desafio do festival da Pitchfork e rapidamente se prolongaram numa extensa digressão que também passou por Lisboa, em junho de 2018. O regresso obrigatório à viola acústica de *Sung Tongs* abriu caminho para os esboços das novas canções, deixando-o, para sua



surpresa, inspirado. Rusty Santos, novamente o produtor para o seu álbum, também ficou surpreendido pela simplicidade e eficácia desses esboços. À Stereogum, Noah explica a dinâmica entre os dois:

“As *demos* que fiz eram parte cantadas, parte viola acústica e parte caixa de ritmos bem crua. Havia já eletrónica ou alguma engenharia nas canções antes do Rusty. Ele trouxe basicamente *samples* do 808 que afinámos com as canções, quase como tocar baixo. Assim que encontrámos este método, aplicámo-lo a todas as canções. Estes foram os três elementos aos quais demos a nossa total atenção. A questão era como tornar tudo interessante apenas com estes três sabores. Como podemos tratar estas três coisas numa canção para criar uma narrativa emocional ou sonora? As letras por si só não são particularmente narrativas,

é mais tipo colagem ou impressionista – eu esperava que as frases ficassem na memória das pessoas, como vozes na cabeça, como coisas que elas dissessem a si próprias, mas não estão na verdade a contar qualquer tipo de história.”

Mas este reencontro não replicou as metodologias de antigamente. A aparição de Rusty Santos numa fase tão embrionária de *Buoys* fê-lo estar ao lado de Noah Lennox de um modo muito participativo. Ambos queriam levar o projeto para um lugar especial, e Rusty foi a pessoa certa no momento certo.

Rusty Santos reaparece na vida de Noah quase por acaso, com Lisboa como cenário cada vez mais confluyente de pessoas e ideias. Depois de muitos anos em que os seus caminhos não se cruzaram, o produtor do celebrado *Person Pitch* de Panda Bear – mas também *Sung Tongs* e *Feels* dos Animal Collective – aparece por Lisboa para trabalhar com Dino d’Santiago e a chilena DJ Lizz. O encontro dos dois norte-americanos foi inevitável. Noah conta à Vulture como ocorreu:

“Foi uma decisão um pouco por instinto. Não o vi durante seis ou sete anos, talvez. Enviávamos e-mails onde perguntávamos ‘Então?’. Sempre estive atento ao que ele ia fazendo: sou um grande fã das coisas dele com o DJ Rashad. Ele estava em Lisboa, acabámos por sair e disse-me que tinha estado a trabalhar na Cidade do México, a fazer coisas como *sad trap*, *latin trap*, *reggaeton*. Eu tinha acabado de sair da digressão do *Sung Tongs* e disse-lhe que tinha curiosidade em saber como soariam as coisas que andava a fazer se as ligássemos com isso. Foi assim que voltámos a estar juntos.”

Rusty trouxe alguma contemporaneidade ao som de Panda Bear, procurando encontrar uma correta tecnologia para o som que ambos queriam, respeitando com inesperado escrúpulo as estruturas das *demos* que existiam. O lado mais notório é a vontade de que *Buoys* sobreviva em dois patamares de audição: nas colunas dos computadores ou nos minúsculos auriculares, onde Noah e Rusty acham que uma grande maioria das pessoas reside quando ouve música; e no mundo da alta-fidelidade que existe fora desse consumismo imediato. No primeiro caso, *Buoys* parece quase uma experiência íntima, quase-frágil, com respirações inesperadas, em que a voz e os detalhes ganham preponderância; no segundo, com um sistema

de som que consiga acompanhar a alta definição sonora da gravação, as canções ganham ritmo num corpo de som moderno e atual, onde os imponentes graves parecem arrastar-nos. Panda Bear explica à Rolling Stone como se dedicaram a este minucioso trabalho de laboratório:

“Notámos que quanto mais tentávamos adicionar arranjos, mais difícil os baixos se impunham. Manter o espectro médio vazio foi a melhor maneira para os graves se imporem. Os ritmos neste disco são mais sugestionados do que representados. À exceção de *Cranked*, quase não existe *kick drum*. Os subgraves tentam fazer duas coisas ao mesmo tempo: representar o elemento melódico e também funcionar como as fundações rítmicas da canção. Ouvíamos Migos, Bad Bunny e Ozuna todas as manhãs. Rusty quis que este álbum encaixasse sonoramente no que estava a acontecer no *trap* e *reggaeton*.”

Mas também a voz – o instrumento mais característico de Panda Bear, a solo ou nos Animal Collective – sofreu alterações. Pela primeira vez, sujeitou-se ao *auto-tune*, a mais proeminente marca pop dos nossos dias. Há muito que deixou de ser um truque ou efeito momentâneo provocador. A sua proliferação e alguns resultados engenhosos já alteraram a história recente da música. À AXS, Noah explica como chegou até ao *auto-tune* e de como tudo foi um plano devidamente urdido:

“Quis ter apenas uma única voz, mas não consegui que soasse satisfatoriamente ou que encaixasse bem na mistura de tudo. Quando disse ao Rusty que procurava isso, essa foi a sua sugestão. Ele achou que conseguiríamos chegar lá com o *auto-tune* e, de facto, foi a primeira coisa que afinou os contornos da minha voz para que soasse mais espessa. Tenho empilhado as minhas partes vocais sempre que quero tornar a minha voz mais espessa mas quis afastar-me disso neste disco.”

A saída momentânea de Panda Bear dos Animal Collective em *Tangerine Reef* apenas provou a elasticidade do projeto, usando os seus músicos de acordo com as múltiplas direções que tomam. Noah confessa que estão de volta e há planos de novas gravações – a quatro – para o final do ano. Mais surpreendente, embora comprove o que está no início deste texto, é o plano de Panda Bear regressar ao estúdio também este ano para mais um álbum a solo.

Noah Lennox confesses that *Buoys* represents a new direction in his music, the start of something new. Behind it, tidily arranged in a kind of trilogy and each celebrated in their own way, *Person Pitch*, *Tomboy* and *Grim Reaper* have placed the name Panda Bear on the pedestal of another and different kind of pop music and succeeded in making its own musical value equivalent to that of his experimental band Animal Collective. Where will Panda Bear's new path now take him? Perhaps throwing off the shackles of the kaleidoscope of sounds that he and his group have so brilliantly created. *Buoys* gives us simpler, more hard-hitting songs, supported by the circular sounds of his acoustic guitar and certainly much closer to the ideas that lay at the origin of his writing. We can imagine a production process concerned with maintaining the raw and powerful energy of the songs instead of taking them elsewhere. Because Lennox also wanted to communicate inside his own world, with his children, adopting a contemporary and direct language, consequently making himself more universal, emotional and human.

Panda Bear sought to start everything all over again, but this bold move hasn't prevented him from giving us a handful of perfect and unique songs that we could only expect to hear from him.

SAMPLER, VOZ

Panda Bear

VÍDEO

Danny Perez

TÉCNICO DE SOM

Chris Freeman

APOIO

 ANTENA 3

© Fern Pereira



Brevemente

# THE NECKS

Música x

16 MAI 2019

QUI 21:00

Grande Auditório

M/6

# MALA VOADORA

Teatro x

## DINH€IRO

29-31 MAI 2019

QUA, QUI, SEX 21:00

01 JUN 2019

SÁB 19:00

Grande Auditório

M/12

Culturgest